

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

MILENA RUARO

Análise de atividades de compreensão e produção oral da coleção *Way To English* sob a perspectiva do Inglês como Língua Franca

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2021



Milena Ruaro

Análise de atividades de compreensão e produção oral da coleção *Way To English* sob a perspectiva do Inglês como Língua Franca

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR - câmpus Pato Branco, como requisito para a obtenção de título de graduação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Paula Petriu
Ferreira Engelbert

Coorientadora: Prof^a Dr^a Taisa Pinetti
Passoni

Pato Branco – PR
2021



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



**DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor(a): **MILENA RUARO**

Título: **Análise de atividades de compreensão e produção oral da coleção *Way To English* sob a perspectiva do inglês como Língua Franca**

Orientadora: **Profa. Dra. Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert**

Coorientadora: **Profa. Dra. Taisa Pinetti Passoni**

Trabalho de conclusão de curso defendido e **APROVADO** em 14/05/2021,
pela comissão julgadora:

Profa. Dra. Taisa Pinetti Passoni - UTFPR Pato Branco
Coorientador(a) e Presidente da Banca

Profa. Dra. Claudia Marchese Winfield - UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Camila Paula Camilotti - UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a M.^a Rosângela Aparecida Marquezi Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso

OBS.: A FOLHA DE ASSINATURA ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADA NA COORDENAÇÃO DO CURSO, COM AS DEVIDAS ASSINATURAS.

Dedico esse trabalho aos meus pais por sempre terem me acompanhado. E ao nosso querido amigo Frei Nelson Rabelo (*in memoriam*) pelo incentivo e apoio aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que sempre me guia, orienta e fortalece em todos os momentos da minha vida, e a quem devo todas as minhas realizações. Agradeço imensamente aos meus pais, Diana Maria Hollas e Célio Camilo Ruaro, e ao meu irmão Marlon Ruaro, pelos esforços para que eu chegasse até aqui, pelo apoio, e orientação. Agradeço a minha orientadora Ana Paula Petriu Ferreira Engelbert pelo incentivo, interesse em nortear esse trabalho, e pelas orientações. Agradeço a minha coorientadora Taisa Pinetti Passoni, que deu andamento na pesquisa com muito comprometimento, por todo o conhecimento compartilhado, não só nesse trabalho mais em vários outros, e pela profissional competente, dedicada que Deus colocou em minha vida. Agradeço também a professora Cláudia Marchese Winfield por ter aceitado ser a minha parecerista, pela consideração e por contribuir com os seus conhecimentos. À professora Camila de Paula Camilotti por ser membro da minha banca e por sempre se dispor em me ajudar.

Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para um proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer.

Albert Einstein

RUARO, Milena. **Análise de atividades de compreensão e produção oral da coleção *Way To English* sob a perspectiva do Inglês como Língua Franca.** 2021. 46f. Trabalho de conclusão de curso – Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco.

RESUMO

O presente trabalho é uma análise das atividades de compreensão e produção oral do livro destinado ao 6º ano do Ensino Fundamental, da coleção *Way To English For Brazilian Learners*. O objetivo da pesquisa é averiguar de que forma a perspectiva do inglês como língua franca (ILF) e a inteligibilidade estão contempladas no material nessas atividades. Para tanto, os objetivos específicos voltam-se à análise da presença de diferentes variedades do inglês e a não adoção exclusiva de modelos de falantes nativos de prestígio (americano e britânico), e à reflexão sobre como as atividades elencadas no livro dialogam com a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de língua inglesa. Para atingir esse objetivo, a presente pesquisa analisou as 38 faixas de áudio, juntamente as atividades de *listening e speaking* do material com o auxílio de uma lista de checagem composta por seis perguntas. Como principais resultados, identificamos que não há indicações explícitas de como o professor irá trabalhar aspectos relativos às nacionalidades dos falantes ou sotaques e pronúncias diferenciadas, e também não há evidências de que há mais falantes não nativos do que nativos utilizando o inglês nos áudios do material, inclusive podemos afirmar o contrário: pelas atividades enfocadas na prática de pronúncia, prestigia-se muito mais os falantes nativos ou não é possível identificar uma diversidade de falantes de língua inglesa tomados como modelos. Contudo, também encontramos momentos que favorecem a comunicação dos alunos neste idioma, colocando-os como protagonistas das próprias produções onde exercem um papel ativo ao longo dos contextos de uso da linguagem. Tais resultados apontam para tendência de transição e ainda de adaptação dos materiais à perspectiva ILF, cabendo ao professor grande parte do desenvolvimento de um trabalho mais direcionado em sala de aula.

Palavras-chave: Inglês como Língua Franca; Inteligibilidade; Livro Didático; Compreensão e Produção oral.

RUARO, Milena. **Analysis of listening and speaking activities of the textbook Way To English from the perspective of English as a lingua franca**. 2021. 46f. Trabalho de conclusão de curso – Letras Português/Inglês, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco.

ABSTRACT

The present work is an analysis of the listening and speaking activities of the textbook targeted to the 6th year of Elementary Education, from the collection “Way To English For Brazilian Learners”. The objective of the research is to investigate how the perspective of English as a lingua franca (ELF) and intelligibility are covered in the material in these activities. Therefore, the specific objectives focus on analyzing the presence of different varieties of English and not exclusively adopting models of prestigious native speakers (American and British), and reflecting on how the activities listed in the book dialogue with the proposal of the National Common Core Curriculum (BNCC) for the teaching of the English language. To achieve this objective, the present research analyzed the 38 audio tracks, together with the listening and speaking activities of the material with the aid of a checklist composed of six questions. As main results, we identified that there are no explicit indications of how the teacher will teach aspects related to the nationalities of the speakers or different accents and pronunciations, and there is also no evidence that there are more non-native speakers than native speakers using English in the material's audios, moreover, we can state the opposite: in the activities focused on pronunciation practices, native speakers are more valued or it is not possible to identify a diversity of English speakers taken as models. However, we also found moments that favour students' communication in this language, placing them as protagonists of their own productions and where they play an active role throughout the contexts of language use. Such results point to a tendency of transition and adaptation of the materials to the perspective of ELF, leaving the teacher a large part of the development of a more targeted work in the classroom.

KEYWORDS: English as a lingua franca; Intelligibility; Textbook; Listening and Speaking.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – INFORMAÇÕES SOBRE AS 38 FAIXAS DE ÁUDIOS DO LIVRO WAY TO ENGLISH PARA O 6º ANO.....	25
QUADRO 2 – LISTA DE CHECAGEM UTILIZADAS PARA AS ANÁLISES	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NA ESCOLA BRASILEIRA.....	13
3. O TRABALHO COM AS HABILIDADES DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL.....	19
4. COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA: FOCO NA INTELIGIBILIDADE.....	21
5. METODOLOGIA.....	24
6. PPROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	25
7. ANÁLISE DE DADOS.....	33
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

O ensino da língua Inglesa no Brasil, especialmente no contexto da escola pública, tem se colocado como um desafio por conta de diversos obstáculos. Entre as principais dificuldades da docência nessa língua estrangeira, já de antemão identificamos, por exemplo: a proficiência do professor, as salas de aula superlotadas, a falta de continuidade dos conteúdos ao longo dos anos, a heterogeneidade de conhecimento dos estudantes, para citar alguns. Devido a essas dificuldades, talvez um dos principais desafios nas aulas de inglês seja o desenvolvimento da compreensão e da produção oral. Diante deste cenário, desenvolver a habilidade de comunicar-se minimamente em inglês pode ser vista como tarefa improvável na escola pública, mesmo em níveis básicos.

Segundo uma pesquisa realizada pelo British Council (2019), são apontados outros agravantes que prejudicam o ensino de Língua Inglesa. A pesquisa destaca que determinadas práticas pedagógicas são direcionadas ao uso da língua como prática social, entretanto, na maioria dos estados ainda se utiliza o ensino articulado na estrutura gramatical da língua. A publicação destaca que:

Historicamente no Brasil, o ensino de inglês tem se pautado em uma perspectiva fragmentada de língua, priorizando estruturas gramaticais. Essa noção coloca o texto a serviço da gramática e não o contrário, como ocorre na vida real. A concepção estruturalista de ensino de língua leva a se considerar o texto não como elemento provocador de oportunidades de uso da e reflexão sobre a língua, mas como pretexto para ensinar elementos gramaticais. (BRITISH COUNCIL, 2019, p.25).

Além dessa possível inconformidade em relação ao que se espera das práticas pedagógicas e o que realmente vemos sendo ensinado em alguns lugares, também vemos ao longo da pesquisa apontamentos sobre a necessidade de políticas públicas voltadas ao ensino de inglês. Nesse sentido, destacam-se o papel das secretarias de educação, pois estas devem elaborar estratégias para capacitação e formação de professores; e também integração de aspectos financeiros vinculados à contratação de mais docentes, bem como, à melhoria de salários para uma valorização profissional. Outro ponto importante refere-se aos professores temporários, pois os contratos de curta duração acabam criando um processo de desestabilização para a consolidação pedagógica, o que dificulta a

continuidade do trabalho docente para uma melhor estratégia de ensino para as turmas.

Percebemos que os alunos entram em contato com o inglês no Ensino Fundamental II, mas muitas vezes entram no Ensino Médio ainda com níveis básicos do idioma, e se deparam com uma falta de continuidade avaliativa. Explicando melhor, já vimos que muitos professores que atuam são rapidamente “substituídos”, a carga horária é consideravelmente limitada, cerca de duas aulas semanais de inglês, ou menos em algumas regiões, e que dependendo do contexto, ainda está ligado somente ao ensino de aspectos estruturais. O que também acentua os desafios é a falta de um quadro comum de avaliação. Muitas vezes o *speaking* pode até ser ensinado e praticado, no entanto, a avaliação normalmente verifica, majoritariamente, o conhecimento gramatical.

No intuito de promover mais amplamente o desenvolvimento de habilidades para o ensino do inglês na escola básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), publicada em 2017, propõe um conjunto de competências que devem ser trabalhadas com estudantes desde as séries finais do ensino fundamental. Primeiramente, a BNCC é um documento oficial que tem como objetivo estabelecer os conteúdos e seu ordenamento para todo o ensino da Educação Básica, e constitui-se como um ponto de partida para os professores e gestores pedagógicos. Também define “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p.7). Dessa forma a base serve de referência para os currículos educacionais e define-se da seguinte forma:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento (...) e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2017, p.9).

A finalidade primeira da BNCC é regular a educação básica de forma a garantir às crianças e adolescentes o acesso aos saberes e conhecimentos pertinentes a cada etapa de educação básica. Outro objetivo da Base é alinhar as políticas e ações voltadas à educação em todas as esferas (municipal, estadual e federal) para que seja fortalecida a colaboração entre esses diferentes níveis e para

que seja garantida a permanência do estudante na escola. Além disso, pretende garantir as aprendizagens conectadas às competências que preparam os jovens para a vida. Tendo esse documento como referência, as escolas devem organizar seus currículos e suas propostas pedagógicas.

Com relação especificamente ao ensino de língua inglesa, o documento parte da necessidade do aprendizado dessa língua para o acesso ao mundo globalizado:

O estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade (BRASIL, 2017, p.241).

Sendo assim, a BNCC possui esse caráter formativo, pois valoriza que o ensino do inglês esteja engajado a uma visão crítica e cidadã. A base teórica da BNCC foi construída considerando o conceito de inglês como língua franca e os multiletramentos. Dessa forma, corroboram-se os apontamentos do documento do British Council (2019) que critica propostas de ensino ainda ligadas somente ao ensino da gramática, já que estas não cabem mais em nosso contexto globalizado, onde deve-se prezar pela valorização do ensino vinculado a uma prática real, priorizando a língua em uso de modo mais significativa.

A BNCC organiza o trabalho com língua inglesa em eixos organizadores: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Isso significa que a Base coloca a oralidade com destaque, o que implica encarar os desafios do trabalho com o idioma, impactando o ensino daí em diante. Sendo assim, devemos levar em consideração avanços no que diz respeito à formação de professores, as iniciativas de acesso ao idioma, e não devemos esquecer que a Base valoriza o aprendizado do inglês como uma prática social e não somente a partir de uma lista de conteúdos gramaticais.

Para que o trabalho com língua inglesa delineado na BNCC seja implementado em sala de aula, deve-se atentar para os materiais didáticos que têm sido adotados em escolas públicas em todo Brasil. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi criado para avaliar os livros didáticos e disponibilizar o material em todo o território nacional para as escolas públicas. Esse programa foi desenvolvido pelo Governo Federal e têm como órgãos responsáveis por sua

realização o Ministério da Educação (MEC) e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Diante deste contexto, a presente pesquisa de conclusão de curso visa analisar um dos livros que fez parte do processo do PNLD em 2020, de modo a investigar o desenvolvimento do eixo da oralidade no ensino da língua inglesa. Para tanto, optou-se por lançar um olhar sobre a coleção mais votada pelos professores das escolas do Paraná e, assim, adotada para o uso em todas as escolas do estado no ano de 2020, a coleção *Way To English* para anos finais do Ensino Fundamental, com foco no primeiro livro da coleção, referente ao 6º ano do Ensino Fundamental. A análise a ser apresentada enfatiza as propostas para o desenvolvimento da compreensão e produção oral no material em questão.

Este estudo torna-se relevante, pois sabemos que a interação, colaboração e estratégias comunicativas são ferramentas de que dispomos para superar problemas de desenvolvimento oral em uma língua estrangeira. Em um mundo que se apresenta cada vez mais globalizado com a popularização da internet, as pessoas estão cada vez mais conectadas, e a utilização da língua inglesa faz-se muito necessária. Dessa maneira, levamos em consideração o conceito de Inglês como Língua Franca, adotado pela BNCC e, por consequência, pelas coleções indicadas pelo PNLD. Tal perspectiva situa que a Língua Inglesa

Não é mais aquela do 'estrangeiro', oriundo de países hegemônicos, cujos falantes servem de modelo a ser seguido, nem tampouco trata-se de uma variante da língua inglesa. Nessa perspectiva, são acolhidos e legitimados os usos que dela fazem falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais, o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês 'correto' – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos. (BRASIL, 2017, p.241).

Entende-se dessa forma que priorizar o inglês dos falantes nativos é uma visão a ser superada, surgindo a necessidade que levamos em consideração a interação dos demais falantes, mesmo com sotaques e particularidades com a pronúncia, e considerar que a língua inglesa é mais utilizada com falantes não nativos do que nativos, o que desencadeia o inglês para a comunicação.

A proposta de análise aqui apresentada partiu da preocupação de se compreender a articulação do material didático adotado nas escolas de ensino fundamental II do estado do Paraná com a perspectiva do inglês como língua franca.

Isso porque, a partir da adoção desta perspectiva presume-se que não há apenas um modelo de falante nativo a ser almejado no ensino de inglês, mas deve-se conhecer diferentes variedades da língua e se prezar pela inteligibilidade e compreensibilidade na comunicação.

De modo a alcançar o objetivo proposto, é apresentada aqui a organização da pesquisa. No capítulo 1, intitulado “O Inglês como Língua Franca na Escola Pública Brasileira” é feita uma análise breve e geral do contexto da escola pública brasileira com intuito de fornecer informações para a averiguação de determinados fatores que impactam na educação, e dessa forma, afetam a prática de ensino. Também é discutido o que diz a BNCC em relação ao conceito do Inglês como Língua Franca e como os alunos podem se apropriar da Língua Inglesa partindo desse conceito. Abordamos as habilidades destinadas ao 6º ano, que norteiam as práticas e devem ser contempladas em sala de aula, e justificamos a escolha desse livro didático para análise.

O capítulo 2, “O trabalho com as habilidades de Compreensão e Produção Oral” visa apresentar contribuições a respeito das habilidades e o quanto são importantes, se bem trabalhadas, para a aquisição efetiva de uma segunda língua. São tratados também alguns dos problemas enfrentados em sala de aula, o que acaba prejudicando o ensino de conteúdos de forma satisfatória e o engajamento dos alunos nas atividades. A terceira seção, “Compreensão e Produção Oral em Língua Inglesa: Foco na inteligibilidade” discorre sobre a importância de articular o ensino na perspectiva do ILF que descentraliza a visão de prestígio somente com falantes nativos, e nos mostra a existência de variedades na língua que devemos prezar pela inteligibilidade na comunicação.

No capítulo 4, “Metodologia”, é descrito o contexto da pesquisa e a natureza do estudo, para, em seguida, detalharmos os “Procedimentos de Análise”, os quais pautam-se em uma lista de checagem composta por cinco perguntas que norteiam a pesquisa. Na sequência, no capítulo 5 é apresentada a “Análise de Dados”, em que são detalhadas as interpretações construídas acerca das atividades de compreensão e produção oral do referido material didático. Finalmente, nas considerações finais, são retomados os resultados da análise, que enfatizou as atividades com faixas de áudios, e nos permitem refletir se as práticas atuais do livro são suficientes para que haja realmente preocupação em articular o inglês como

Língua Franca e inteligibilidade. Será apontada também a relevância desse estudo nas áreas de ensino e de língua Inglesa e como pode contribuir para o perfil de professor pesquisador.

1 O INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NA ESCOLA BRASILEIRA

Para nortear a presente pesquisa, a discussão de alguns tópicos é relevante para a contextualização do trabalho. Primeiramente, levaremos em consideração o ensino de Inglês na escola pública, a partir dos pressupostos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) voltados à Língua Inglesa. Em seguida, situamos o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), como política pública que fomenta a produção e distribuição de livros para o sistema educacional brasileiro. Discutiremos os conceitos essenciais para este estudo, como a perspectiva do inglês como língua franca (ILF) e a inteligibilidade.

Como ponto de partida, é preciso analisar o sistema público de educação e pautar a realidade brasileira, no que se refere à aprendizagem de uma língua adicional. De acordo com a pesquisa do British Council sobre o ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira (2019), fatores como a vulnerabilidade social, condições de contratação e salários baixos, turmas grandes e superlotadas vão tecer o contexto educacional brasileiro, e que, por consequência, influenciam o processo de aquisição deste idioma.

Podemos dizer que as características apresentadas são agravantes para uma efetiva aprendizagem, não só no inglês, mas em outras disciplinas. A pesquisa também aborda a formação dos professores bem como a falta de investimentos destinados à educação. Cerca de 55% dos professores de Inglês não têm oportunidades de conversar no idioma, além disso, 22% destes profissionais relatam ter dificuldade na língua falada. Isso influencia tanto o ensino do idioma como também afeta os alunos na aprendizagem. Outra questão ressaltada pelo estudo refere-se às das turmas cheias, atendendo entre 40 a 45 alunos por turma, enquanto que, em paralelo, podemos considerar que institutos de idiomas atendem em média oito alunos por sala.

Os dados apresentados acima nos ajudam a ter um pouco da noção da realidade brasileira em relação ao ensino e são levados em consideração pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). De acordo com o documento,

A BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base (BRASIL, 2017, p.5).

Frente a essa contribuição, podemos entender que o documento sendo articulado com a realidade e apoiado pela sociedade tem o potencial de fazer o país avançar e melhorar o ensino de língua inglesa no país. É oportuno sabermos sobre as competências e habilidades a serem abordadas nas aulas de inglês no 6º ano, a partir das quais o idioma poderá fortalecer a autonomia dos estudantes e possibilitar que interajam criticamente com diferentes pontos de vista, levando em conta a inserção em um mundo globalizado e plural. Em virtude do livro didático a ser analisado neste estudo voltar-se ao 6º ano, podemos partir das habilidades propostas no eixo da oralidade para esta etapa de ensino.

Constam no documento oficial cerca de seis habilidades destinadas ao eixo oralidade para o 6º ano do Ensino Fundamental, foco deste estudo, como observamos a seguir:

(EF06LI01) Interagir em situações de intercâmbio oral, demonstrando iniciativa para utilizar a língua inglesa.

(EF06LI02) Coletar informações do grupo, perguntando e respondendo sobre a família, os amigos, a escola e a comunidade. Funções e usos da língua inglesa em sala de aula (Classroom language)

(EF06LI03) Solicitar esclarecimentos em língua inglesa sobre o que não entendeu e o significado de palavras ou expressões desconhecidas. Compreensão oral Estratégias de compreensão de textos orais: palavras cognatas e pistas do contexto discursivo

(EF06LI04) Reconhecer, com o apoio de palavras cognatas e pistas do contexto discursivo, o assunto e as informações principais em textos orais sobre temas familiares. Produção oral Produção de textos orais, com a mediação do professor

(EF06LI05) Aplicar os conhecimentos da língua inglesa para falar de si e de outras pessoas, explicitando informações pessoais e características relacionadas a gostos, preferências e rotinas

(EF06LI06) Planejar apresentação sobre a família, a comunidade e a escola, compartilhando-a oralmente com o grupo. (BRASIL, 2017, p.249)

Articulam-se dentro do eixo oralidade, os aspectos da compreensão oral e produção oral. Ao investigar as habilidades é possível notar que os alunos terão potencial para lidarem com situações comunicativas no seu convívio social, eles também poderão elaborar textos orais para interagirem com os colegas, e momentos em que terão autonomia para expressarem suas opiniões e solicitar esclarecimento do conteúdo. Diante do exposto, essas habilidades dialogam com os objetivos que a Base preza, pois permitem a reflexão sobre a língua no dia a dia dos alunos, ao

simularem situações reais de uso, superando a ideia de trabalhar com o inglês de maneira desvinculada da realidade.

Outro documento relevante para situar este estudo é o PNLD, como dito inicialmente na pesquisa. Criado em 1985, é caracterizado como um :

Programa de distribuição gratuita de obras didáticas de forma sistemática e regular a todos alunos (individualmente) das EEB das Redes Públicas Escolares de todo país e consideramos esse programa como Política de Estado, dado seu período de existência e sua permanência desde o ano de 1985, mantendo algumas das características iniciais do programa, tais como escolha do livro pelo professor, utilização do livro reutilizável, perspectiva de universalização do atendimento. (ZAMBON; TERRAZAN, 2012, p.02).

Dessa forma, segundo os autores, o programa tende a garantir a boa qualidade dos livros didáticos que vão nortear aspectos de ensino e aprendizagem nas escolas públicas. Tendo em vista este propósito do PNLD, enfocamos nossa análise na coleção *Way To English* indicado pelo PNLD em 2019, com foco específico no livro do 6º ano. Na dinâmica do Programa, as escolas têm autonomia para escolher qual coleção consideram mais apropriada, entretanto, no ano de 2020, o governo do Paraná, nosso contexto de estudo optou-se por unificar a coleção em todas as escolas do estado, adotando para todas elas a coleção mais votada pelas diferentes unidades escolares.

Após entendermos um pouco sobre a BNCC e o PNLD, a pesquisa recai sobre a importância da utilização da língua inglesa que tem sido crescente nas últimas décadas, principalmente devido ao avanço e popularização da internet. Contudo, essa utilização do inglês não se faz somente por falantes nativos, mas, pelo contrário, a grande maioria das comunicações é feita por falantes não-nativos, como apontam Gimenez e colaboradores (2015):

A língua inglesa é hoje utilizada majoritariamente em situações envolvendo falantes de diferentes línguas maternas e não exclusivamente em interações que tenham como interlocutores privilegiados os falantes nativos (GIMENEZ *et al.*, 2015, p. 594).

É a partir desta perspectiva que a língua inglesa tem sido considerada uma língua franca. Isso implica que, na utilização do inglês em situações comunicativas, buscar ter as habilidades iguais a um falante nativo torna-se um objetivo obsoleto, o que tende libertar os falantes não-nativos de tentarem “imitar um nativo”, pois o que ganha relevância são os esforços para que haja compreensão entre os indivíduos. Assim, professores de inglês devem ter essa consciência e incentivar seus estudantes a praticar a língua falada. Nesse contexto, deve-se priorizar o contexto

em que a fala está inserida e aceitar a presença de sotaques e variações presentes na fala, como Becker (2013) enfatiza:

Esses diferentes “ingleses” serão produzidos de forma não exatamente conforme os padrões estipulados pelos falantes chamados “nativos”, pois a variação é uma realidade numa língua viva; e eles podem conviver pacificamente, desde que sejam mutuamente inteligíveis (BECKER, 2013, p.14).

Seguindo essa afirmação, percebe-se a importância de priorizar mais a inteligibilidade e se sobressair às exigências do modelo padrão estabelecido. Para esclarecer essa questão, Derwing e Munro (1995) definem que a inteligibilidade ocorre quando uma produção em que se tenha seu entendimento. Assim, esse conceito diz respeito ao que é entendido de fato na produção oral entre falantes do idioma, sejam eles nativos ou não-nativos da língua. Para agregar essa questão, é válido articular a contribuição de Filho Volpato e Gil (2016) a respeito do Inglês como língua franca, pois, segundo os autores, no cenário atual, em que o inglês do nativo não prevalece e onde levamos em consideração as variedades existentes no mundo globalizado, cabe perfeitamente a noção de inteligibilidade. Dessa forma, tal conceito torna-se palavra-chave para o ensino de pronúncia, pois na sala de aula de língua inglesa devem ser discutidas e questionadas as variedades nativas.

Para concretizar essa questão de aceitação de variações nas pronúncias e mesmo divergências em estruturas, necessitamos inserir os educandos em diferentes contextos, utilizar os recursos disponibilizados por diversas mídias sociais, para que os aprendizes possam estar aptos a transitarem pelas várias situações de comunicação que emergem em nossa sociedade, incentivando uma leitura de mundo, ou seja, situá-los que a sociedade funciona em meio às diversidades de linguagem e de meios de interação.

Seguindo esse viés, uma das preocupações gira em torno da maneira de se incentivar a compreensão e produção oral em sala de aula. É importante tornar clara sua utilidade para os educandos, situando-os sobre seu uso em práticas diárias, que muitas vezes passam despercebidas. É preciso salientar que o uso dessa língua vai além da intenção de querer ou não sair do país, ou pensar que não ter uma pronúncia exata a um nativo impossibilita a comunicação e entendimento. Pensando assim, mostra-se relevante a apresentação da coleção *Way to English* foco deste estudo:

Ao longo da coleção, a partir do trabalho com diferentes gêneros e objetivos de compreensão auditiva, pretendemos desenvolver nos alunos a habilidade de compreender textos orais em diversas práticas sociais, incluindo a compreensão intensiva (sons, palavras, frases), extensiva (compreensão global) e seletiva (compreensão pontual). (FRANCO; TAVARES, 2018, p.XII)

Com a intenção de tornar clara a presença do Inglês na vida cotidiana dos alunos, e de promover a comunicação, priorizando o desenvolvimento da compreensão desde pequenos diálogos até áudios mais elaborados, é que surge a necessidade de incentivar e estabelecer momentos de interação para que essa proposta se concretize. Sendo assim, podemos situar a contribuição da visão sociointeracionista, que tem como foco a preocupação com um sujeito psicossocial, que se desenvolve a partir do seu contexto social, como Machado (2015) nos traz:

E há, finalmente, o sujeito psicossocial, à luz da concepção de língua como lugar de interação, em que ele faz parte da construção de sentido que se dá dialogicamente, ou seja, com o outro, em uma determinada situação sociohistórica. (MACHADO, 2015, p.132).

Através desse pensamento podemos conceber que na sala de aula devem prevalecer momentos de interação, cooperação, trocas de experiências, e momentos de aprendizagens, que irão contribuir e instigar os alunos a se interessarem pelo assunto a ponto de se concentrarem mais nas atividades propostas.

Podemos articular os objetivos da coleção com as propostas da Base. Ao adotar a visão do ILF, está explicitado na Base que esta noção da língua vai além de permitir o acolhimento dos diferentes repertórios linguísticos, aqui é apresentada também, uma “vantagem” cultural:

Esse entendimento favorece uma educação linguística voltada para a interculturalidade, isto é, para o reconhecimento das (e o respeito às) diferenças, e para a compreensão de como elas são produzidas nas diversas práticas sociais de linguagem, o que favorece a reflexão crítica sobre diferentes modos de ver e de analisar o mundo, o(s) outro(s) e a si mesmo. (BRASIL, 2017, p.242)

Também são levados em conta para análise desse material didático os objetivos e a propostas que o livro traz em relação à compreensão oral. Assim identificamos alguns tópicos que a coleção enfatiza, como por exemplo: “Proporcionar aos alunos o contato com diferentes gêneros discursivos orais e com diversas variantes da Língua Inglesa (utilizadas por falantes de inglês de diferentes nacionalidades, como língua materna e como Língua franca).” (FRANCO;

TAVARES, 2018, p.XIX). Ao constatar essa afirmação, podemos fazer um comparativo também em relação ao que a BNCC propõe. Para exemplificar, vale retomarmos uma habilidade do 6º ano citada anteriormente. Aqui vemos que “(EF06LI04) Reconhecer, com o apoio de palavras cognatas e pistas do contexto discursivo, o assunto e as informações principais em textos orais sobre temas familiares” (BRASIL, 2017, p.249). Também notamos que a Base estabelece competências específicas para o ensino fundamental, e que dialogam com a coleção, como é o caso do trecho a seguir:

Elaborar repertórios linguístico-discursivos da língua inglesa, usados em diferentes países e por grupos sociais distintos dentro de um mesmo país, de modo a reconhecer a diversidade linguística como direito e valorizar os usos heterogêneos, híbridos e multimodais emergentes nas sociedades contemporâneas (BRASIL, 2017, p.246).

Vemos assim que os objetivos tanto da Base quanto da coleção parecem estar em concordância. Junto a isso, averiguamos outro foco “Levar os alunos a estabelecer relações entre o(s) texto(s) ouvido(s) e sua realidade” (p. XIX). E de fato as atividades analisadas vão proporcionar, após ouvir os áudios, relatar as próprias experiências, incentivando a interação entre os colegas, e motivando a oralidade bem como a valorização das pronúncias.

2 O TRABALHO COM AS HABILIDADES DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL

Dentre as muitas habilidades linguísticas que nós professores levamos o aluno a desenvolver, a compreensão e a produção oral têm sido colocadas como pouco efetivas durante as aulas de língua inglesa. O que podemos presumir é que há um conjunto de fatores, como por exemplo, a falta de proficiência necessária na língua inglesa, ou turmas muito lotadas, ou ainda falta de interesse dos estudantes que podem ser identificados como responsáveis por este cenário.

Em um estudo realizado por Araújo (2015), é abordada a integração das habilidades linguísticas no ensino de Língua Inglesa. A autora traz informações pertinentes sobre cada habilidade, e com um olhar especial a umas das mais essenciais já que está ligada ao desenvolvimento da linguagem oral: a compreensão oral. Apesar de já ter sido negligenciada décadas atrás e ter sido considerada uma

habilidade passiva, a partir de 1970, a compreensão oral ganha importância no campo do ensino e aprendizagens de línguas. Araújo aponta que

Embora *listening* seja de vital importância no processo de aprendizagem de uma língua, também é um processo muito complexo. Esta pode ser uma habilidade bastante desafiadora para os alunos, que quase sempre se sentem frustrados quando não conseguem entender aquilo que tentam escutar e isso geralmente acontece porque a linguagem falada é diferente da escrita. (ARAÚJO, 2015, p.25).

Por isso essa habilidade pode ter sido negligenciada, e não ter sido efetivamente trabalhada em sala de aula, de certa forma, até prejudicando a oralidade.

No que tange a habilidade do *speaking*, Araújo (2015, p.29) comenta que esta é considerada a principal quando se tem o objetivo de aprender outra língua, e que foi drasticamente controlada em sala de aula, até a vinda da abordagem comunicativa. A autora aponta que é um desafio para os professores estimularem essa prática, e exemplifica

Elocução de fala fluente, formas contraídas, elisão, redução de sons vocálicos, uso de gírias, linguagem coloquial, a velocidade dos áudios que não pode ser controlada, o ritmo e a entonação e a dificuldade de lidar com situações de interação podem tornar a produção oral um processo complexo (BROWN, 2007 *apud* ARAÚJO, 2015, p.29-30).

Assim sendo, cabe ao professor despertar a consciência em seu aluno das possibilidades de falas em contextos coloquiais, formais, que irão se deparar com pronúncias diversas, com abreviações, redundâncias, isso para que possa minimizar os aspectos que giram em torno das situações comunicativas.

Percebe-se que a participação dos estudantes em sala nem sempre se faz de maneira atuante e, a oralidade é muitas vezes “prejudicada” pela falta de concentração e interação entre os falantes. Além disso, devemos levar em conta que pelo fato de sermos falantes de outro idioma, esse já se torna um grande fator para que tenhamos dificuldade nas habilidades gramaticais e sociolinguísticas que um nativo tem mais facilidade.

Em um artigo intitulado “O ensino da habilidade oral da Língua Inglesa nas escolas públicas”, Lima; Souza; Luquetti (2014) apresentam ideias que dialogam com a pesquisa abordada anteriormente, pois ambas articulam o ensino das habilidades, destacando estas que são muitas vezes ensinadas de forma defasada. O que o artigo aponta também, o ensino nas escolas públicas

Na maioria das escolas públicas, a condição da sala de aula é inadequada para o desenvolvimento satisfatório do conteúdo. Em grande parte delas, as

salas de aula são superlotadas, possuindo, em alguns casos, mais de quarenta alunos por turma. Assim, torna-se necessário que o professor auxilie todos os estudantes. (LIMA; SOUZA; LUQUETTI, 2014, p. 92).

Diante dessa realidade, é meio improvável que o professor consiga atribuir toda a atenção destinada a turma inteira, e acompanhar os alunos em suas individualidades e em momentos de comunicação. Outro aspecto abordado pelas autoras diz respeito à realidade educacional das escolas públicas ao comentarem que:

Outro ponto claro que ocorre no ensino de língua estrangeira na escola pública é a maneira que a disciplina é trabalhada. O educador aborda os temas de maneira descontextualizada, a preocupação está em expor a gramática e fazer com que os alunos memorizem o conteúdo sem que aquilo faça sentido para eles. A gramática geralmente não é aplicada em situações reais de conversação, que mostrem aos alunos de maneira concreta o uso desse conteúdo. (LIMA, SOUZA, LUQUETTI, 2014, p.93).

Essa citação articula-se ao comentário de Araújo (2015), pois ainda encontramos o ensino vinculado a uma visão enraizada nas abordagens que desfavorecem práticas orais.

Tratando-se desse impasse em que nos deparamos, nos vêm à tona certas inquietações, como por exemplo, quais são os benefícios em se investir em práticas de compreensão oral nas aulas de inglês do ensino fundamental? Sabe-se que o desenvolvimento dessa habilidade em inglês em escolas públicas é um desafio multifatorial. Contudo, o primeiro passo para se tentar entender o panorama seria analisar como o material didático contempla atividades voltadas a o desenvolvido do eixo da oralidade, verificando se estão presentes as representações de diferentes usuários do Inglês, as variedades do idioma e as práticas que incentivam a valorização dos sotaques dos falantes, de modo a contemplar a perspectiva do ILF.

A partir da análise destas questões, será possível discutir e refletir acerca da viabilidade das atividades de compreensão oral apresentadas pela coleção *Way To English* e das vantagens e desafios na sua implementação em sala de aula no ensino fundamental II.

3 COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA: FOCO NA INTELIGIBILIDADE

Em uma situação de diálogo, o essencial é adequar-se aquela situação comunicativa. Em momentos mais informais nos envolvemos com determinados assuntos e não temos tanta preocupação se o sotaque irá influenciar na compreensão ou até mesmo se a fala irá atender a todas as regras gramaticais – pelo menos na língua materna. Mas quando dialogamos em outro idioma, há necessidade de evitarmos tantas divergências na pronúncia para que tenhamos um resultado mais satisfatório, ou que pelo menos se aproxime de algo “inteligível”. Esse termo, mesmo pelo senso comum, evidencia situações em que temos o entendimento, quando algo torna-se fácil de se entender. Segundo Becker (2013), se um falante estrangeiro proferir uma frase ou uma palavra alterando seu som ou uma característica da pronúncia, diz-se que sua fala é ininteligível, mas quando altera uma característica de uma palavra em particular, mais ainda ela é entendida, então sua fala é inteligível.

Becker (2013) também contribui ao trazer a seguinte afirmação “admita-se que o sotaque estrangeiro é uma característica do discurso que tem diversos graus, e que também a sua quantidade exata é extremamente difícil de mensurar” (SCHEUER, 2000, p. 36 *apud* BECKER, 2013, p.50). Dessa maneira, afirma-se que sotaque e inteligibilidade são conceitos diferentes e quase independentes. Compreendemos assim, que o sotaque não é o único responsável para afetar a inteligibilidade, pois vimos que faz parte do discurso, contudo, determinados “erros fônicos” podem ocasionar na diminuição da inteligibilidade. O termo “inteligibilidade” não é fácil de se conceituar, pois não há uma definição única bem como níveis para avaliá-la e nem tão poucos números suficientes de estudos nesta área, deixando de lado o padrão falante nativo. O que podemos sintetizar, partindo das contribuições de Becker (2013) é que esse termo ficou melhor designado pelos pesquisadores, seguido de compreensibilidade, mas que também recebe visões contrárias, para alguns pesquisadores, como Munro e Derwing (1995). Adota-se nesse trabalho de pesquisa, o conceito que diz respeito ao reconhecimento da palavra e do enunciado resultando num entendimento claro. Em decorrência da adoção da perspectiva do ILF, presume-se que não há um falante nativo a ser imitado deve-se conhecer diferentes variedades da língua e prezar pela inteligibilidade na comunicação. Ancorados na pesquisa de Becker (2013), compreendemos que “os fatores segmentais, isto é, como são produzidos os

segmentos ou sons, e esse também é um fator preponderante quando falamos ou ouvimos o que foi produzido em uma língua adicional” (BECKER, 2013, p. 59). E que neste caso, terá importância ao articular o ILF.

Para agregar esse pensamento, Matsuda julga “essencial a exposição a outras variedades de inglês em sala de aula para que contribua com a legitimidade de novas variedades de inglês e melhores atitudes com relação ao seu próprio inglês” (MATSUDA, 2003, *apud* BRAWERMAN, 2018, p.90). Podemos entender isso como uma desconstrução da exclusividade do Inglês do falante nativo para uma valorização e aceitação de outros falantes e suas interculturalidade.

4 METODOLOGIA

Para situar essa pesquisa, é válido salientar quais vieses ela vai percorrer e quais critérios embasaram esse estudo. A partir de leituras do texto de Reis (2006), podemos compreender que a pesquisa qualitativa, na qual se encontra esse estudo, difere-se da pesquisa positivista, pois ela estará comprometida com a compreensão de mundo, levando em conta as interpretações, indo na contramão de um caráter normativo, prescritivo, ou seja, a pesquisa qualitativa acompanha empreendimentos humanos, estando sujeita a equívocos. O que contribuirá para sua qualidade envolve a credibilidade, honestidade, escopo de dados, entre outros.

Como foco, esse tipo de pesquisa ocupa-se com a ação e seus significados, não apenas com o comportamento como fazem na pesquisa positivista. Permite-se dessa maneira, dizer que o estudo em questão partirá de interpretações, explorações, com um aprofundamento para se alcançar o resultado, temos assim um trabalho que enfoca mais a subjetividade dos processos de interações humana e não se coloca como um estudo meramente descritivo (REIS, 2006).

No que se refere aos seus procedimentos, o estudo aqui presente parte de análises de livros e outras fontes para se extrair informações, assim temos também uma perspectiva de pesquisa bibliográfica e documental. No estudo em questão, tomam-se os livros didáticos e textos normativos da educação brasileira como documentos, e a discussão e definição de conceitos-chaves (por exemplo, inteligibilidade, ILF, globalização) como base bibliográfica. Tais encaminhamentos evidenciam como a análise se orienta pelas decisões da pesquisadora, o que acentua o caráter qualitativo (SÁ SILVA *et al* 2009).

Assim sendo, o objetivo geral deste estudo é analisar as atividades de compreensão e produção oral do livro do 6º ano da coleção *Way to English*, de modo a verificar como a perspectiva do inglês como língua franca e a inteligibilidade estão contempladas no material e nessas atividades. Para tanto, os objetivos específicos voltam-se à análise da presença de diferentes variedades do inglês e a não adoção exclusiva de modelos de falantes nativos de prestígio (americano e britânico), e à reflexão sobre como as atividades elencadas no livro dialogam com a proposta da BNCC para o ensino de língua inglesa.

A investigação é organizada a partir de uma lista de checagem, das variedades do Inglês, conforme instrumento proposto por Oliveira (2010) e adaptada por Miranda (2014), de modo a considerar tanto os as atividades presentes no livro quanto os recurso disponibilizados pela coleção e seu CD de áudio.

4.1 Procedimentos de análise

Este trabalho volta-se a análise do livro destinado ao 6° ano da coleção *Way to English* com foco na perspectiva do ILF e na inteligibilidade. Em um primeiro momento, o trabalho consiste em analisar o material didático, tanto os livros quanto os recursos áudio do CD, para investigar as atividades voltadas para o desenvolvimento da compreensão e da produção oral presentes na coleção. Em um segundo momento, a partir das atividades, a análise verifica se elas estão em consonância com os pressupostos teóricos citados acima. De modo a melhor situar os materiais de áudio trabalhados em cada unidade do livro, o quadro abaixo sintetiza as principais informações sobre cada uma das 38 faixas analisadas:

Unidade	Faixa	Gênero	Fonte do áudio	Nacionalidades dos falantes	Proposta de atividade
Unit 1 - Hello	#1	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	-Identificar características da personalidade da aluna. -Reconhecer as quantidades. -Praticar o modelo de pronuncia apresentado.
Unit 1 - Hello	# 2	Exemplo de pronúncia (expressões para utilizar em situações de sala de aula)	Próprios autores	Não há indicação	Praticar o modelo de pronúncia para verificação de respostas.
Unit 1 - Hello	# 3	Exemplo de pronúncia (expressões utilizadas em	Próprios autores	Não há indicação	Ouvir as sentenças para associar com as figuras.

		situações escolares)			
Unit 1- Hello	# 4	Exemplo de pronúncia (cumprimentos)	Próprios autores	Não há indicação	Escutar e relacionar as expressões com as imagens.
Unit 1Hello	# 5	Exemplo de pronúncia (Apresentação pessoal)	Próprios autores	Não há indicação	Ouvir as sentenças e observar as formas contraídas (apresentação pessoal).
Unit 1- Hello	# 6	Exemplo de pronúncia (saudações)	Próprios autores	Não há indicação	Escutar as expressões de saudação e despedidas.
Unit 1 - Hello	# 7	Exemplo de diálogo (saudação e apresentação inicial)	Próprios autores	Não há indicação	Observar no diálogo, a ideia central da conversação.
Unit 1- Hello	# 8	Exemplo de pronúncia (sobre atividades físicas)	Próprios autores	Não há indicação	Repetir palavras e expressões do exercício anterior (vocabulário de atividades de tempo livre).
Unit 2 – My Life	# 9	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Relacionar a pronúncia dos números (1 – 12) com os números escritos.
Unit 2- My Life	# 10	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Relacionar a pronúncia dos números (30 -5-) com os números escritos.
Unit 2-My Life	# 11	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Perceber a pronúncia dos números ordinais.
Unit 2- My Life	# 12	Entrevista	Australia´sGotTalent. Disponível no youtube – www.youtube.com	Australiano	Responder questões de interpretação sobre o programa de talentos.
Unit 2 – My Life	# 13	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Aprender o som das letras do alfabeto.
Unit 2- My Life	# 14	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir as palavras do Box e

MyLife		pronúncia		indicação	associar com as imagens (profissões).
Unit 2 – My Life	# 15	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir os meses do ano.
Unit 3 – Around the globe	# 16	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Checar as respostas sobre nacionalidade.
Unit 3 – Around the globe	# 17	Palestra	www.ted.com/talk/s/angelicadass	Brasileira	Conhecimento da artista e checar questões de interpretação.
Unit 4 – What is a family?	# 18	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Fixação de vocabulário (agrupar as palavras nos tópicos relacionados).
Unit 4 – What is a family?	# 19	Poema	www.poetry4kids.com/poem		Exercícios de interpretação.
Unit 4 – What is a Family?	# 20	Depoimentos autênticos de alunos de escola pública brasileira	Depoimento da aluna da escola pública brasileira registrada pela coleção em visita à escola	Brasileira	Ouvirem o relato dos estudantes (sobre a família) para servir como base dos próprios diálogos dos alunos.
Unit 4 – What is a Family?	# 21	Canção em inglês de Robbie Williams	The Heavy Entertainment Show	Britânico	Ouvir a canção e responder questões de interpretação.
Unit 4 – What is a Family?	# 22	Canção de Robbie Williams	The Heavy Entertainment Show	Britânico	Completar a atividade escrita, colocando palavras que faltam.
Unit 5 – Houses Around the World	# 23	Exemplo de pronúncia	Próprio autores	Não há indicação	Relacionar as sentenças de lugares da casa, com as imagens contidas no livro.
Unit 5 – Houses Around the World	# 24	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir vocabulário de mobília.

Unit 5- Houses Around the World?	# 25	Gravação de um áudio de Anne Frank	www.annefrank.org	Alemã	Identificar os cômodos da casa; Questões de interpretação.
Unit 5- Houses Around the World?	# 26	Depoimento autêntico de uma aluna de escola pública brasileira	Depoimento da aluna da escola pública brasileira registrado pela coleção em visita à escola.	Brasileira	Auxiliar na produção oral dos alunos ao relatarem as partes da casa que mais gostam.
Unit 6- Savethe Animals	# 27	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir vocabulário de animais domésticos.
Unit 6- Savethe Animals	# 28	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir vocabulário de animais selvagens.
Unit 6- Savethe Animals	# 29	Anúncio de utilidade pública	People for the ethical treatment of animals. www.peta.org/media/psa/ingrid	Britânica	Responder questões de interpretação.
Unit 7 - Music Matters	# 30	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	Não há indicação	Repetir vocabulário de músicas.
Unit 7- Music Matters	# 31	Recortes de músicas	Próprios autores	-----	Identificar estilos musicais.
Unit 7- Music Matters	# 32	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	-----	Repetir os nomes dos instrumentos musicais e escrever no caderno
Unit 7- Music Matters	# 33	Exemplo de pronúncia	Próprios autores	=====	Repetir os sons dos instrumentos.
Unit 7- Music	# 34	Palestra	www.youtube.com/watch	Americana	Responder questões de interpretação.

Matters					
Unit 8- Let's Go To School	# 35	Depoimento autêntico de aluno de escola pública brasileira	Depoimento d aluno da escola pública brasileira registrado pela coleção em visita á escola.	Brasileira	Identificar elementos que possam servir para a produção oral dos alunos.
Unit 8- Let's Go To School	# 36	Relato	WWW.unicef.org/infobycountry	Centro-africana	Responder questões de interpretação.
Unit 8- Let's Go To School	# 37	Músicas: <i>Magic;</i> <i>Paradise;</i> <i>Yellow</i>	Coldplay. In: Ghost Stories. Parlaphone, 2014. 1 CD. Track 1. Coldplay. In: MyloXyloto. Parlaphone, 2011. 1 CD. Track 2. Coldplay. In: Parachutes. 20101 CD. Track2	Britânica	Relacionar os nomes das músicas com as opções dadas.
Unit 8 – Let's Go To School	# 38	Música	As mesmas do exercício anterior.	Britânica	Anotar palavras e expressões identificadas nas músicas.

Quadro 1: informações sobre as 38 faixas de áudio do livro *Way to English* para o 6º ano

A análise do material didático tem como auxílio uma lista de checagem, e a partir dessa lista, faremos uma sondagem para verificar as atividades e se elas propõem um modelo único do falante nativo ou se apresenta a fala de falantes não nativos. Levaremos em conta também atividades que enfatizam o sotaque do aluno

bem como a valorização do contexto cultural em que está inserido. A análise também contemplará propostas que indicam a presença da inteligibilidade para as trocas conversacionais.

Abaixo segue a lista de checagem, a qual é direcionada à análise do livro destinado ao 6º ano, contendo 38 áudios. Destaca-se que as cinco primeiras perguntas partem das contribuições dos autores mencionados, e que, diante das leituras realizadas para o presente estudo, é proposto mais uma questão de autoria própria ao final do instrumento. Estas adições ao instrumento visam atualizá-lo ao contexto desta análise.

P. 1 No componente de áudio/vídeo, falantes de países onde a língua inglesa não é a língua materna estão representados? Quantos?

P. 2: É possível identificar os falantes pelo sotaque? Como?

P. 3: As atividades de pronúncia permitem ao aluno utilizar sua variedade de inglês? Como?

P. 4: As atividades de pronúncia e audição encorajam o aluno a valorizar a sua maneira de falar a língua de forma inteligível? Como?

P.5: De que forma os alunos são encorajados a interagirem significativamente em Língua Inglesa?

P. 6: As atividades exploram as habilidades propostas pela BNCC para o ensino de língua inglesa?

*Quadro 2: Lista de checagem utilizada para as análises
Fonte Miranda (2014) adaptado de Oliveira (2010)*

Dentre os livros didáticos indicados para o ensino da língua inglesa pelo PNLD, como explicado no início desse trabalho, o livro selecionado para esta pesquisa é o *Way To English* (FRANCO; TAVARES, 2018) voltado ao 6º ano do Ensino Fundamental. O volume é composto por oito unidades principais,

organizadas com o propósito de melhorar o trabalho com a sequência de cada unidade.

Estão presentes em todas as oito unidades principais as seguintes seções e subseções: *Warming up*, que abre cada unidade; *Reading Comprehension*, incluindo *Before Reading*, que prepara o aluno para a leitura; *Reading*, que traz o texto principal; *Reading for General Comprehension* e *Reading for Detailed Comprehension*, que apresentam atividades de compreensão escrita geral e detalhada. *Reading for Critical Thinking*, que traz questões para a discussão e reflexão crítica; *Vocabulary Study*, que aborda aspectos lexicais; *Taking It Further*, que traz outro texto relacionado ao tema da unidade e atividades de compreensão; *Language in Use*, que apresenta e explora aspectos gramaticais ; *Listening and Speaking*, que propõe atividades de compreensão e produção oral; *Writing*, que apresenta uma proposta de produção escrita; e *Looking Ahead*, que amplia a discussão sobre o tema da unidade relacionando-o com a realidade do aluno e sua comunidade.(FRANCO; TAVARES, 2018, p.XVII).

Após termos uma visão geral de como são sistematizadas as seções, é importante também citar que a coleção adota uma perspectiva dialógica de linguagem (BAKHTIN 1986, *apud* FRANCO; TAVARES, 2018) em que a linguagem reflete uma visão de mundo e o contexto no qual os indivíduos estão inseridos. Seguindo esse pressuposto, entende-se que a língua é construída nos contextos comunicativos em um determinado momento sócio-histórico, e por meio de sua utilização nas práticas sociais. A partir disso, compreende-se a construção da aprendizagem dos alunos, partindo de suas próprias atuações em práticas discursivas, resultando em sujeitos que possam agir no mundo. Para que essa ideia possa se concretizar, a coleção dá relevância também aos gêneros textuais, pois para que os sujeitos possam agir no mundo, eles partirão do uso de gêneros textuais que fazem a mediação com as práticas sociais em que se envolvem.

Ao articular a perspectiva dialógica de linguagem em consonância com os gêneros textuais, em sua apresentação, a coleção afirma que pretende garantir que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira efetiva. Os papéis do professor e dos alunos acontecem de maneira diferenciada da visão tradicional onde centraliza apenas a postura do professor como agente detentor de conhecimento e aluno como mero expectador. O material didático aqui em pesquisa reforça a ideia de trabalhar com a visão do professor como mediador e par mais experiente no conteúdo em questão, ao mesmo tempo em que enfatiza práticas discursivas e interação entre os alunos. Em contrapartida, os alunos são colocados em situações de interação social, levando em consideração a real significância desse trabalho em

duplas, grupos e onde possa atuar de maneira a se tornarem sujeitos de sua própria aprendizagem.

Também consta na coleção a referência às competências específicas de Língua Inglesa no Ensino Fundamental propostas pela BNCC. Ao enfatizar as habilidades que a coleção trabalhará seguindo a proposta da Base, percebe-se o objetivo centrado na produção de textos orais com a mediação do professor, bem como, ressalta-se a ideia de se investir na compreensão oral nas práticas de sala de aula.

A apresentação do material demonstra que essa coleção visa levar o aluno a construir o seu desenvolvimento da língua inglesa como sendo fundamental para a percepção de um mundo globalizado, concebendo que ela acaba unindo cada vez mais as pessoas. Além disso, nesta apresentação, o material afirma que se privilegia o saber portar-se em situações comunicativas, levando em conta as variações linguísticas que emergem em nossa sociedade.

Nesse sentido, observa-se que a coleção indica que se deve prezar pelo ensino da língua inglesa como algo acessível aos alunos, tornando claro que essa língua pertence não somente aos falantes nativos, mas que é numericamente mais utilizada por falantes não-nativos. Dessa forma, além de possibilitarmos aos estudantes uma visão mais crítica e consciente a partir dessa língua, conseguimos posicioná-los criticamente sobre o uso desse idioma, bem como sua posição hegemônica em nível mundial.

Seguindo essa proposta, percebemos que as atividades devem abranger exemplos de comunicação do idioma entre falantes não nativos, as variedades do inglês, e isso gera consciência nos falantes que para se ter uma comunicação efetiva não é necessário seguir a gramática e pronúncia de um nativo. Enfatizar essa visão do inglês também diz respeito ao desenvolvimento da compreensão oral com o foco da inteligibilidade nas comunicações nessa segunda língua.

Ao referir-se a produção oral, o trabalho realizado pela coleção é de envolver situações comunicativas em níveis básicos até mais complexos, ou seja, os alunos podem se expressar em atividades de produção oral desde conversas informais, entrevistas até discussões, apresentação pessoal até mesmo contra argumentar sobre uma determinada temática. É válido comentar, segundo o que a coleção

evidencia na apresentação da integração das quatro habilidades, que os diálogos são apenas modelos e que não devem ser apreendidos de forma engessada.

4 Análise dos dados

Considerando a primeira pergunta do instrumento (No componente de áudio/vídeo, falantes de países onde a língua inglesa não é a língua materna estão representados? Quantos?), durante as análises dos áudios destinados ao 6º ano foi possível identificar, através da minha percepção, que na maioria dos componentes de áudio, surgem exemplos de pronúncia que se assemelham a falantes nativos, muitas vezes servindo de modelo para os alunos repetirem, perceberem a pronúncia e associarem a pergunta com a resposta. Isso devido ao número de 22 áudios que o volume dispõe para que os alunos ouçam com a finalidade de interpretação, repetição e associação. Dentre as nacionalidade evidenciadas, destacam-se as que têm o inglês como língua materna: americana, britânica e australiana. Na maioria dos áudios, verifica-se que não há indicação das nacionalidades. Isso porque, juntamente com os áudios, o livro destinado ao professor, traz em quadros, somente o áudio sem a devida informação sobre a nacionalidade, ou em alguns casos, retrata a nacionalidade dos falantes, dessa maneira facilita a identificação das pessoas. Já para os alunos, nem todos os áudios explicitam a nacionalidade do falante, ficando a identificação a critério de pesquisa ou através da mediação do professor. Os demais 15 áudios destinam-se a diferentes gêneros, sejam eles, entrevista, leitura de poema, música, relato, e depoimentos. Assim, é interessante notar depoimentos feitos por falantes não nativos, presentes em entrevistas, no relato de Anne Frank, representando o que seria uma falante alemã neste caso, e de uma falante da República Centro-Africana, por exemplo.

Também aparecem falantes brasileiros, exemplificando, é mostrada aos alunos a fala de uma artista brasileira, mais precisamente seu depoimento sobre seu trabalho. Além disso, na unidade 3, com a temática “Ao redor do mundo”, são trazidas algumas personagens famosas, como atuam e impactam no mundo. Na seção destinada ao *listening* e *speaking* desta unidade, é apresentada aos alunos uma palestra da artista Angélica Dass que mora e atua em Madrid. O que é possível identificar é uma proposta de, após ouvir o áudio, os alunos serem levados à

interpretação do que foi dito, em uma atividade escrita, e posteriormente são incentivados a expressarem oralmente as opiniões e impressões sobre o trabalho da artista.

É válido comentar que em algumas unidades, como nessa, está escrito em boxes intitulados *tip* algumas dicas para os alunos, como por exemplo, não se preocupar em entender todas as palavras, mas conseguir compreender conceitos chave. Também se observa que não há atividades que direcionem os alunos a refletirem especificamente sobre a variedade de inglês utilizada, no caso, de um falante não nativo. Tal aspecto pode nos levar a refletir se, para alcançar o trabalho com o ILF basta incluir as variedades de falantes ou se seria necessário que as atividades promovessem também uma reflexão a este respeito e não somente tarefas voltadas à compreensão do texto em si.

Em outra faixa do material de áudio há o depoimento de uma aluna da escola pública brasileira, na atividade seis do *listening e speaking* da unidade 5 com a temática “*Houses around the world*”, mais uma vez é valorizada a construção de diálogo, no exercício de *speaking*, cujo objetivo é incentivar o aluno a descrever seu cômodo favorito, portanto, parte da realidade dos alunos. Dessa maneira, após ouvirem os áudios, os estudantes são direcionados a pôr em prática, já tendo como modelo, uma apresentação da casa. Podemos dizer que após a atividade de compreensão oral, os alunos são incentivados a criarem um diálogo apresentando seu cômodo favorito, e até irem além de perguntas de interpretação, como por exemplo, refletir e dialogar com o colega se toda casa é um lar e o que a torna um lar. Contudo, não fica claro de que forma o professor esclarece que o áudio se trata de uma falante brasileira, o que poderia ser observado, por exemplo, por seu sotaque. Também não é explícita de que maneira o professor fará para incentivar seus alunos a se comunicarem sem tanta preocupação com aspectos gramaticais priorizando uma fala inteligível.

No decorrer das atividades com os áudios, é possível observar que é orientado ao professor dizer aos alunos a importância de perceber o áudio como uma referência, não como um modelo fechado de diálogo a ser seguido. Um exemplo pode ser dado, na unidade quatro “*What is a family*”, na seção *listening e speaking*, pela seguinte orientação: “Não se preocupe em entender tudo o que ouvir. Concentre-se aqui em identificar o tipo de família descrito no poema” (FRANCO;

TAVARES, 2018, p.80). Nesse caso, a orientação define o objetivo da atividade, mas também encontramos orientações para que os alunos entendam palavras chave ou até mesmo detalhes mais precisos, como no exemplo acima.

Na unidade 8, *“Let’s Go To School”*, é apresentado um áudio com a fala de uma aluna garota que mora no vilarejo de Badia Seluford, na República Centro-Africana. Novamente podemos perceber que a variedade de inglês falada pela garota difere-se das variedades nativas, visto que neste caso o idioma oficial de seu país é o francês, isso porque ocorrem certas mudanças na pronúncia, como por exemplo, no som das vogais, principalmente no “i”, assemelhando-se ao inglês britânico, o que tem uma lógica, devido a relação colonial entre o Reino Unido e os países por eles colonizados. Entretanto, as atividades não são exploram explicitamente estas características. Nessa atividade, além da interpretação, é solicitado aos alunos a fazerem uma entrevista com o colega com intuito de esclarecer as atividades de rotina, o que aponta a articulação do trabalho com as habilidades de compreensão e produção oral.

Tendo em vista a análise acima, podemos alegar que a coleção, de fato, proporciona momentos em que priorizam não somente falantes nativos, mas também demais falantes, ainda que de forma menos enfatizada. O que não fica muito em evidência é a maneira que o professor vai abordar o reconhecimento do inglês apresentado no áudio, nem tão pouco a valorização das variedades dos próprios alunos. O que talvez fosse interessante para esse trabalho são os momentos de reflexão para o desenvolvimento da dimensão intercultural da linguagem. Lembramos que, segundo a coleção, as transcrições de todos os textos orais utilizados servem para orientar o professor e, os alunos, por sua vez, “têm acesso apenas ao áudio dos textos orais e assim, podem perceber que são capazes, gradativamente, desenvolver sua habilidade de compreensão auditiva sem necessariamente recorrer a um suporte escrito” (FRANCO; TAVARES, 2018, p.XII).

Considerando a segunda pergunta (É possível identificar os falantes pelo sotaque? Como?), em relação à identificação dos falantes pelo sotaque, mais uma vez não é uma questão fácil de notar. Podemos, talvez, partir do senso comum para se as primeiras impressões sobre quem fala, ou seja, uma fala seguindo mais as regras gramaticais, mais rápida, com diferenças na pronúncia do “a” em *“can’t”*, por exemplo, pode condicionar a um falante britânico. Já na fala de um norte-americano,

uma fala aparentemente mais articulada, com variações específicas de pronúncia de “a” de “*can't*” em que também percebemos mudanças. Outro exemplo volta-se a pronúncia das palavras: *water, better, little, pretty*, diferenciando-se nos sons de /r/ e /t/. No inglês britânico percebemos assim: /'wɔ:tə/, /'betə/, /'lɪtl/, /'prɪti/, já no americano: /'wɒtər/, /'betər/, /'lɪtəl/, /'prɪti/. O que realmente dificulta é a identificação de outros falantes como brasileiros, africanos, entre outros, os quais representam variedades com as quais os estudantes provavelmente são menos expostos. O auxílio ao professor nessa tarefa são algumas possibilidades que esclarecem a nacionalidade que será retratada. Podemos observar textos escritos, juntos com a transcrição dos áudios presentes no livro do professor, que comentam a nacionalidade, também encontramos textos escritos no cabeçalho das atividades com informações sobre o falante ou simplesmente nas legendas, que permitem identificar essa questão. Com exceção dos áudios para mera repetição e exemplo de pronúncia, as demais atividades deixam claro, tanto para professor quanto para os alunos, as nacionalidades ali envolvidas.

Adentrando a terceira pergunta (As atividades de pronúncia permitem ao aluno utilizar sua variedade de inglês? Como?), o livro permite ao professor explorar bem o conteúdo apresentado, ofertando diferentes atividades voltadas ao *reading, listening, speaking e writing*. É possível dessa forma, ver uma articulação das habilidades em todas as unidades, e também a existência de dicas e orientações ao professor para tornar determinada atividade mais trabalhada. Falando principalmente das atividades direcionadas a pronúncia, é válido ressaltar que as unidades propõem momentos de interação com os colegas e com a turma no geral. O professor é orientado, pelas dicas existentes nas seções, a utilizar diálogos vistos anteriormente como exemplos, sendo auxiliares para referência, mas não como modelos fechados. Com essa contribuição, os alunos sentem-se mais seguros a criarem seus próprios relatos, e por consequência, expressarem-se em sua variedade inglês. Contudo, ao lembrar que a coleção propõe-se a articular a perspectiva de ILF, não é possível identificar nos enunciados das perguntas e nem nas orientações para o professor, o incentivo e a valorização das variedades que os falantes brasileiros podem possuir. Também não está explícito o reconhecimento do sotaque presente nos diálogos, aspecto bastante distintivo em falantes de inglês como língua franca. Conclui-se dessa maneira que seria uma alternativa

interessante, deixar claro para os alunos que esse momento de prática oral pode contemplar seu próprio uso do inglês, diferenciado dos diálogos que servem de modelo de pronúncia. Como já enfatizado, os áudios tendem a “padronizar” exemplos de diálogos que em sua maioria ainda são de falantes nativos, enquanto que na produção dos alunos vale a pena situá-los de que terá diferença em suas práticas.

Enfocando os áudios de falantes não nativos, é proposto também que os estudantes retomem o áudio trabalhado para as práticas de *speaking*. Mais uma vez, não há esclarecimento para os alunos da diversidade que suas apropriações locais do inglês podem expressar. As atividades voltam-se a interpretação, a expressão de opinião, a interação, a pôr em prática exemplos das realidades deles. Apesar disso, fica vaga a maneira de despertar a consciência linguística nos alunos a ponto de valorizarem as variações do inglês que podem refletir suas identidades de brasileiros falantes do idioma. Em concordância com o estudo citado anteriormente, Todeschini (2020)

identificamos no livro a presença de tarefas que podem promover mais variedades relativas ao falar do inglês, por parte dos estudantes brasileiros, em paralelo às práticas mais relativas à reprodução de padrões fonéticos, às quais tradicionalmente voltam-se a variedades padrões de prestígio. (TODESCHINI, 2020, p.90).

Realmente, é mais fácil observarmos as variações por parte dos alunos do que nas atividades aplicadas pela coleção, visto que na maioria dos áudios, nos deparamos com o objetivo de exemplificar uma pronúncia.

Com base na quarta pergunta (As atividades de pronúncia e audição encorajam o aluno a valorizar a sua maneira de falar a língua de forma inteligível? Como?), não foi possível perceber como os alunos serão encorajados a falarem de forma inteligível, ficando apenas no trabalho da mediação do professor. Nas atividades de compreensão oral, a única indicação dada pela coleção é para os alunos reconhecerem as principais informações, ou seja, nas atividades, pede-se, dependendo do objetivo da tarefa, a compreensão de palavras chave ou também aspectos específicos que a unidade quer enfatizar. A forma como as unidades estipulam essa compreensão é interessante mencionar, pois não determinam um entendimento total dos áudios apresentados, privilegiando o potencial comunicativo. Entretanto, para melhor explorar a inteligibilidade, seria necessário que as atividades evidenciassem as nacionalidades dos falantes, contemplando assim a perspectiva

do ILF. Já nas atividades de produção oral, o material não sugere que o principal objetivo nessas atividades poderia ser o fazer compreender-se e compreender o colega, ou seja, prezar pela inteligibilidade para atingir a comunicação efetiva. Retomando a questão quatro, infelizmente estes aspectos não estão evidenciados nas atividades, o que faz falta para uma coleção que se preocupa em vincular o status de ILF.

Considerando a quinta pergunta (De que forma os alunos são encorajados a interagirem significativamente em Língua Inglesa?) podemos visualizar que apesar do incentivo da fala ocorrer mais nas seções de *listening* e *speaking*, também está presente nas outras habilidades. Há sugestões para algumas atividades podendo ser trabalhadas oralmente ou por escrito, ficando a critério do professor. Foi identificado em alguns momentos, de que forma tal exercício pode ser realizado e como o professor pode nortear a produção oral dos alunos. Por exemplo, na unidade quatro, com a temática central sobre “*What is a family*”, na seção do *listening* e *speaking*, há um quadro ao lado com o seguinte comentário:

Os alunos devem ouvir o áudio uma ou duas vezes. Orienta-se prestar a atenção na pronúncia das palavras e na entonação das frases. Explique a eles que o exemplo deve ser visto como uma referência, e não como um modelo fechado a ser reproduzido. Incentive-os a criar as próprias frases ao interagir com os colegas. Lembre-se de que a pausa e a hesitação são características da linguagem falada. (FRANCO; TAVARES, 2018, p.81).

Com o trecho acima, evidencia-se que a orientação dada ao professor auxilia tanto na compreensão quanto na produção oral. Como já enfatizado, não há indícios de que ajudem na valorização das variedades dos falantes brasileiros, mas observamos a presença de estratégias para que possam ter um desempenho melhor na interação com a língua inglesa e se torna uma prática de ensino de pronúncia voltada para a construção de sentidos.

Discorrendo mais um pouco sobre o assunto, alternativas que permitem a interação dos alunos podem ser encontradas várias vezes na mesma unidade, ancorada em diferentes gêneros textuais e as habilidades. Por exemplo, na unidade sete sobre “*Music Matters*”, na seção de “*Vocabulary Study*”, os estudantes são direcionados a perguntar e responder para o colega sobre as preferências musicais, se tocam algum instrumento, enfim, vários questionamentos que possibilitam a atuação do aluno, e está em concordância com o que traz a unidade aqui mencionada:

O exercício 4 contempla as seguintes habilidades da BNCC: [EF06LI01] Interagir em situações de intercâmbio oral, demonstrando iniciativa para utilizar a língua inglesa; [EF06LI05] Aplicar os conhecimentos da língua inglesa para falar de si (...), explicitando informações pessoais e características relacionadas a gostos, preferências (...). (FRANCO; TAVARES, 2018, p.132).

Percebemos dessa forma que as situações de interação dos alunos com o idioma perpassam a seção de fala e escuta, oferecendo momentos bem significativos para opinarem e assim internalizem o conteúdo sendo estudado. As situações não se limitam à produção oral, mas envolvem a compreensão oral, e a escrita, como, por exemplo, na proposta da escrita de infográfico, realização de um *podcast* ou a criação de um anúncio de utilidade pública realizadas em pares.

Finalmente, respondendo a sexta pergunta (P. 6: As atividades exploram as habilidades propostas pela BNCC para o ensino de língua inglesa?) é válido comentar que no decorrer da coleção, vemos quadrinhos que indicam que determinada atividade está em consonância com habilidades da BNCC, isso está presente em todas as unidades. Para exemplificar, retomo a atividade mencionada acima, e na mesma página, encontramos o seguinte trecho:

Os exercícios 6, 7 e o *boxe tip* contemplam as seguintes habilidades da BNCC: [EF06LI05] Aplicar os conhecimentos da língua inglesa para falar de si e de outras pessoas, explicitando informações pessoais e características relacionadas a gostos, preferências (...); [EF06LI06] Planejar apresentações sobre a família, a comunidade e a escola, compartilhando-as oralmente com o grupo(FRANCO; TAVARES, 2018, p.105).

É importante fazer essa ressalva, pois a coleção se compromete em apresentar conteúdos que dialogam com as habilidades da Base, e de fato, podemos ver comprovações, como a citada anteriormente, que são condizentes com o documento.

Diante do exposto, percebemos muitas atividades de *listening* e *speaking* contribuem para que os alunos sejam colocados em situações comunicativas, e momentos que podem utilizar a língua inglesa para refletirem sobre a língua. Também é válido mencionar que a coleção ainda passa por adaptação em relação às atividades que realmente possam favorecer o reconhecimento e valorização das variações do inglês, assim como evidenciar outras nacionalidades. Observamos também que seria um trabalho muito interessante se houvesse mais áudios expressando diferentes nacionalidades, mais reflexão com esses falantes de

diferentes línguas maternas, e mais orientações para o professor conduzir práticas associadas ao ILF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso visou explorar o livro didático *Way To English for Brazilian Learners*, escolhido pelo PNLD 2020, com olhar direcionado à compreensão e produção oral. A proposta de análise leva em consideração se nas atividades estão sendo representadas as variações do inglês nos componentes de áudio e de que forma esse aspecto contribui para que o aluno reconheça essas variações a ponto de “descentralizar” o prestígio do inglês do falante nativo e valorizar a língua na perspectiva do ILF. Também o trabalho se propôs a averiguar se as atividades são condizentes com a proposta da coleção que por sua vez buscam contemplar esse status da língua. Ademais, a presente pesquisa procurou esclarecer de que maneira os alunos podem ser incentivados à prática da língua inglesa ao articular a noção de inteligibilidade a ponto de praticarem diálogos sem tanta preocupação em atingir uma pronúncia vista até então como “ideal” e compreenderem que a comunicação pode ser inteligível sem necessariamente atender aos padrões dos falantes nativos. As discussões fundamentaram-se em pressupostos teóricos acerca do inglês como língua franca e inteligibilidade, diante do contexto da Educação Básica brasileira na atualidade, tendo em vista seu principal documento norteador, a BNCC.

Por meio de uma lista de checagem, a análise verificou que a coleção abrange falantes oriundos de países em que a língua inglesa não é a língua materna. Contudo, constatou-se que ainda prevalecem nos áudios, a fala de falantes nativos, como por exemplo, americanos, britânicos e australianos, em detrimento de outros falantes que se utilizam do inglês como sendo uma segunda língua ou estrangeira. Podemos concluir, retomando o quadro para identificação das personagens, que nas atividades de compreensão oral objetivou-se ensinar exemplos de pronúncia em relação à exploração das demais variações presentes nas unidades. É possível afirmar que a coleção não traz de forma explícita orientações ao professor a trabalhara questão das nacionalidades ou variação de

sotaques vistas como um diferencial para a oralidade e compreensão da língua e não evidencia aos alunos reconhecerem que falantes não nativos apropriam-se mais do inglês do que falantes nativos. Seria importante o livro trazer de forma mais evidente, as pronúncias, nacionalidades, sotaques dos falantes, organizados no material, para que os estudantes valorizassem mais o uso do inglês presente em um contexto globalizado, contribuindo de incentivo para as próprias práticas.

Também foi possível analisar que as atividades direcionadas à produção oral poderiam ser mais enriquecedoras se houvesse de forma explícita, uma orientação para que os alunos elaborassem diálogos mesmo não contemplando as falas semelhantes aos nativos, pois ainda dessa maneira, podem sim se tornarem inteligíveis para os colegas.

Como pontos positivos da coleção, neste caso, observam-se as várias maneiras de incentivar as práticas orais e considerar nos áudios, possíveis exemplos para as produções deles, ou seja, não pensar naqueles diálogos como sendo referência como algo fechado, mas como um auxílio. Tal condução é encontrada no livro do professor.

Além da verificação da compreensão e produção oral, foi visto que a coleção está em concordância com as principais propostas da Base. São percebidos no decorrer das unidades, pequenos recortes da BNCC para comprovação que determinada atividade contempla-se no documento. Esses pequenos trechos de comprovação auxiliam em perceber que realmente o livro preocupa-se com as práticas de ensino para que estas correspondam ao documento norteador.

De modo geral, as análises evidenciam que o material aponta para tendência de transição e que ainda são necessárias mais adaptações nas coleções para que de fato contemplem a perspectiva do ILF, cabendo ao professor grande parte do desenvolvimento de um trabalho mais direcionado em sala de aula.

Diante destas análises, o presente estudo pôde contribuir para pesquisas na área do ensino e da língua inglesa. Torna-se relevante, pois parte da preocupação com o ensino do inglês nas escolas públicas, que diante de vários fatores acaba sendo prejudicado neste processo. Também como ponto de partida, houve a inquietação ao tratar-se de como serão trabalhadas as habilidades de oralidade. Ao pensar nesse aspecto, objetivou-se investigar um dos livros didáticos que está sendo aplicado nas escolas e se este favorece a formação de sujeitos que compreendam o

papel da língua inglesa no contexto social que estão inseridos e possivelmente contribuam para transformá-lo.

A pesquisa enfoca na análise de atividades direcionadas às habilidades de compreensão e produção oral, sendo essenciais para a valorização da apropriação de uma língua de prestígio, bem como do reconhecimento de sua diversidade. Além do mais, a pesquisa pode contribuir em investigar o protagonismo do aluno em seu processo de aprendizagem, ao articular essa língua muitas vezes inacessível aos estudantes.

Como professora de língua inglesa em formação, acredito que a presente pesquisa pode contribuir também para a formação de professores pesquisadores e incentivar mais trabalhos nessa área. Analisar um material didático e constatar se promovem o que citam em teoria é válido para refletirmos sobre as práticas de ensino que encontramos em sala de aula, se agregam aprendizagens significativas, se adaptam-se às realidades sociais, se tratam do caráter formativo da língua inglesa, se integram as habilidades, e se dialogam com os documentos norteadores, e conjuntamente promovem o ensino de língua inglesa com mais qualidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. F. **A integração das quatro habilidades linguísticas no ensino de língua inglesa.** Cajazeiras – Paraíba. 2015

BECKER, M. R. **Inteligibilidade da Língua Inglesa sob o paradigma de Língua Franca: percepção de discursos de falantes de diferentes L1s por brasileiro.** 2013. 257 f. Tese de doutorado. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRAWERMAN, A. et al. A oralidade na era do Inglês como Língua Franca: percepções de professores de inglês em formação. **Revista Científica de Letras.**14(2),80-101.jul/dez.2018.

BRITISHCOUNCIL. **O ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira:** Elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE. São Paulo. 1ª Edição. 2019.

DERWING, T. M.; MUNRO, M. J. Processing Time, Accent and Comprehensibility in the Perception of Native and Foreign-Accented Speech. **Language and Speech,** 38 (3), p. 289-309, 1995.

FRANCO, C.; TAVARES, K. **Way to English:** for Brazilian Learners. 2ª edição. São Paulo: Ática, 2018.

GIMENEZ, T.; EL KADRI, M. S.; CALVO, L. C. S.; SIQUEIRA, D.S.P. ;PORFIRIO, L. Inglês como língua franca: desenvolvimentos recentes. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada,** 15(3), 593-619, 2015.

LIMA, L. SOUZA, S. LUQUETTI, E. O ensino da habilidade oral da língua inglesa

nas escolas públicas. **CADERNOS DO CNLF, VOL.XVIII,Nº10–LÍNGUAS CLÁSSICAS,TEXTOS CLÁSSICOS** 86 - 103. 2014.

MACHADO, M. A.; SANTOS, M. L. F. Sociointeracionismo: pressupostos teóricos para o embasamento de práticas escolares em leitura e escrita. **Entrepalavras**.5(2),128-146. Fortaleza, 2015.

MIRANDA, F.C. Análise de materiais didáticos de língua inglesa sob a perspectiva do inglês como língua franca. In: X Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH, 2014, Londrina. **Anais 2014 do X Seminário de Pesquisa em Ciências Humanas - SEPECH**, p.773-783, 2014.

REIS, S. Reflexões sobre uma jornada com destino á pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Londrina, v.6, n.1, 101-118,2006.

SÁ-SILVA, J. *etal*. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**. 1(1), 1-15,jul.2009.

TODESCHINI, Isabella. **Interculturalidade e o inglês como língua franca: considerações sobre um livro didático de língua inglesa**. Dissertação (Pós-Graduação em Letras)-Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2020.

ZÂMBOM, L.B.; TERREZZAN, E. A. Estudo sobre o processo de escolha de livros didáticos em escolas de Educação Básica. **IX ANPED: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 1-12, 2012.